nuscrito (p. 5). Considera-se a obra como fonte de primeira ordem para o conhecimento da Roma medieval, para cuja descrição o autor se serviu de informações colhidas *in loco* e de fontes escritas, uma das quais e o *De septem miraculis mundi*, reproduzido à p. 41s. Serviu, êle por sua vez, de fonte para o *Polychronicon* de Ranulfo Hidgen (+ 1354), cujos extratos se encontram à p. 35-40. Depois da lista dos 33 parágrafos contendo os diversos monumentos descritos (p. 9s), temos o texto anotado (p. 11-31), seguido de um apêndice crítico, e dos textos acima mencionados.

D. JOÃO MEHLMANN O. S. B.

*

* *

HALLIDAY (F. E.). — *Chaucer and His World*. Thames and Hudson, Londres, 1968, 144 p. e 171 ilust.

O título da obra lembra o de dois outros importantes trabalhos sôbre Chaucer: *Chaucer's World* de Edith Rickert e *Chaucer and His England* de G. G. Coulton. Ao contrário dêstes últimos, todavia, trata-se de um texto mais simples, destinado ao grande público, que, na Inglaterra, atualmente, interessa-se bastante pelo autor dos *Contos de Cantuária*. A adaptação desta obra, para o inglês moderno, de autoria de Nevill Coghill (Penguin Books), foi um dos grandes sucessos de vendagem em Londres, no ano passado.

O livro de Halliday não tem capítulos e, portanto, não tem também índice de conteúdo. O autor incluiu, entretanto, uma bibliografia restrita, uma cronologia, um pequeno glossário e notas relativas às ilustrações. Estas são o ponto forte do trabalho; dão-nos uma visão rica e variada da segunda metade do século XIV. Todo tipo de documentação plástica foi incluído: retratos de Chaucer pintados em manuscritos, selos das autoridades inglêsas, os requintados túmulos da Abadia de Westminster, marfins franceses, afrescos e monumentos italianos, cerâmica da época de Eduardo III (1327-1377), etc. Reproduzidas em preto e branco, em papel de boa qualidade, essas ilustrações valem o preço do livro.

O autor parece ter pensado no estudante secundário dos países de língua inglêsa quando redigiu o texto. Escrito em inglês bem simples e estruturado de maneira a informar, ao mesmo tempo, sôbre a vida do poeta e o panorama de sua época, é, no nosso entender, a melhor introdução à vida e à obra de Geoffrey Chaucer. Ao citar trechos das obras de Chaucer, Halliday modernizou um pouco os textos. No prefácio, justificando êsse procedimento, êle nos diz que procurou, com isso, tornar os versos fáceis de ler e evitar a impressão de exotismo e ingenuidade que a grafia do século XV (os manuscritos datam dessa época) poderia dar.

A existência de Chaucer nos é relatada desde a sua infância. Nas primeiras páginas, Halliday nos informa sôbre a sua família e as ligações desta com a fabricação de calçados (Chaucer deriva de *chaucier,* sapateiro em francês medieval) e o comércio de vinhos. A despeito de sua origem, Chaucer deveria ligar-se a membros importantes da côrte inglêsa. Seu primeiro protetor foi o terceiro filho de Eduardo III, Lionel, duque de Clarence, que viria a morrer na Itália, em 1368, logo após o seu casamento com Violante Visconti. Mais tarde, Chaucer gozou da proteção de John of Gaunt, duque de Lancaster.

Comerciante, cortesão, diplomata, funcionário civil e poeta, Chaucer esteve em contacto com gente das várias camadas da sociedade inglêsa e com importantes figuras das artes e da política de outros países, dentre as quais Eustache Deschamps, Bernabò Visconti, talvez Petrarca, etc. Essa riqueza de experiência e o conhecimento da literatura italiana o teriam feito evoluir da poesia convencional francesa para o realismo que caracteriza algumas das suas obras finais.

As obras importantes do poeta londrino — *The Book of the Duchess, The Legend of Good Women, Troilus and Criseyde, The House of Fame* e os *Contos de Cantuária* — aparecem sintetizadas no texto de Halliday. Além disso, o autor não negligencia o quadro histórico que produziu essa literatura: Wycliffe, a situação da Igreja e do Papado, as peregrinações, as convenções do amor cortês, o culto da margarida, etc. são temas que nos ajudam a recriar a época de Chaucer.

A despeito da enorme hibliografia chauceriana, o trabalho de Halliday não deve ser considerado como inútil. Graças à qualidade do texto, ele serve como introdução à obra de Chaucer e, tendo em vista a abundância do material iconográfico, interessa também ao especialista.

JÔNATAS BATISTA NETO

*

* *

MARTÍ (Samuel), *La Música Precortesiana*. México, Ediciones Euroamericanas, 1971, 75 p. e 34 ilust.

Afirmando que a música pré-cortesiana do México alcançou um desenvolvimento tão extraordinário quanto a arquitetura, a escultura, a cerâmica e a pintura da mesma época, o prof. Samuel Martí apresenta o seu pequeno trabalho como sendo uma síntese de duas de suas obras anteriores: *Instrumentos Musicales Precortesianos* e *Música Precolombina*.

Na verdade, trata-se de um catálogo bilíngüe (espanhol e inglês) de instrumentos musicais anteriores ao "Conquistador" mexicano e de representações